

FONTES PARA O ESTUDO DA ECONOMIA DE COUROS E PELES E DA ATIVIDADE DE CAÇA NA AMAZÔNIA

Leonardo Milanez de Lima Leandro¹

Docente do Colegiado de Administração (UNIVASF)

leonardo.leandro@univasf.edu.br

Marina Lira Soares²

Mestra em Saúde e Produção Animal na Amazônia

Resumo

O fundamento da formação econômico-social da Amazônia é o extrativismo. E o extrativismo da borracha é um traço marcante de sua história e historiografia. Contudo, dados disponíveis sugerem que outras atividades extrativistas e cinegéticas tiveram importância significativa para a economia regional. Apesar do comportamento crescente das exportações da borracha brasileira, estas só assumiram destacado papel a partir da década de 1870. Até ali, as exportações de couros e peles rendeu ao Brasil valores mais significativos. É objetivo desse trabalho, portanto, discutir as possibilidades de uso de fontes comumente utilizadas para estudos historiográficos para estimar a participação de peles de animais silvestres no conjunto das exportações de couros e peles realizadas pelo Brasil no século XIX.

Palavras-chave: Couros e peles; Animais silvestres; Embarques; Exportação; Porto de Belém.

¹ Doutor em Desenvolvimento Sócio Ambiental, Professor do Colegiado de Administração da UNIVASF. E-mail: leonardo.leandro@univasf.edu.br.

² Bióloga, Mestre em Saúde e Produção Animal na Amazônia. E-mail: marinalirasoares@gmail.com.



**Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na
Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares**

1 INTRODUÇÃO

É bem difundida e sedimentada a noção de que a Amazônia tem a sua formação econômico-social fundamentada no extrativismo (SANTOS, 1980; HOMMA, 1993; RIBEIRO, 1995; PRADO JÚNIOR, 2008; BENCHIMOL, 2009; COSTA, 2012). Desde o século XVII, quando os portugueses ergueram o Forte do Presépio, a colônia brasileira passou a exportar outros itens obtidos a partir da interação direta com a natureza, do emprego do trabalho na coleta, captura e extração de riquezas naturais. Mesmo a borracha, um item icônico da região amazônica, foi naquele século descoberto, tendo suas propriedades e uso difundidos pelos séculos subsequentes, marcando a trajetória da história e historiografia regional e brasileira (PENNA, 1864; TOCANTINS, 1960; SANTOS, 1980; BENCHIMOL, 2009). Contudo, outros itens regionais, com importâncias relativas superiores à da borracha, dificilmente são utilizados para elaborar interpretações a respeito da economia regional. Tocantins (1960) e Barata (1973) listaram e comentaram uma série de itens de ocorrência espontânea que eram extraídos e exportados pela Amazônia ainda no século XVIII. O cacau, por exemplo, é um desses itens. Mas o item que ocupa as atenções desse estudo são os couros e peles, especialmente os de animais silvestres.

De modo amplo, estudos se dedicaram a analisar a atividade de caça realizada por populações amazônicas em diversos contextos. Contudo, apesar das contribuições ofertadas, os estudos estão limitados a descrever as técnicas de caça, alertar para a forte pressão exercida sobre as populações de determinadas espécies e reafirmar a importância da atividade de caça como elemento cultural do cotidiano das populações amazônicas (HEIZER, 1997; POSEY, 1997; EMÍDIO-SILVA, 1998; PERES, 2000; ADAMS; MURRIETA; SANCHES, 2005; REBÊLO et al., 2005; CAMPOS, 2008; SILVA, 2007; 2008; PEZZUTI et al., 2010; SOARES, 2013). De outro lado, as análises da atividade de comércio e exportação da Amazônia também foram amplamente estudadas, especial e fundamentalmente em relação à borracha. Pouco esforço de pesquisa se realizou para investigar o comércio internacional de couros e peles e, especialmente, tomando como referência os animais silvestres. Mas mesmo de modo incipiente, as pesquisas evidenciam a importância dessa atividade para a economia regional no século XX (PARRA MONSALVE, 2009; ANTUNES; SHEPARD JUNIOR; VENTICINQUE, 2014; ANTUNES et al., 2016).



Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares

Fora desses roteiros, a tarefa proposta nesse estudo é a investigação da participação das exportações de animais silvestres em relação às exportações de couros e peles efetuadas pelo Brasil no século XIX. Como ponto de partida, foi delimitada a década de 1840, quando o valor das exportações de couros e peles correspondiam a mais que 20 vezes o das exportações de borracha. Outra justificativa está vinculada à disponibilidade de fontes para a coleta de dados, empreendida fundamentalmente nos informes sobre entradas e saídas de embarcações no porto de Belém. O objetivo principal da discussão aqui proposta é avaliar o potencial de fontes normalmente utilizadas para interpretações históricas e historiográficas, os jornais, para estimar a participação de animais silvestres embarcados pelo porto de Belém nas exportações de couros e peles efetuadas pelo Brasil naquela década, identificando seus destinos e o comportamento dos preços.

Além dessa introdução, o tema é abordado em outras 4 sessões. A seguir, um ensaio interpretativo do ambiente econômico da Amazônia na primeira metade do século XIX. Depois, a discussão sobre os dados presentes nos informes de movimentação de embarcações no porto de Belém. A quarta sessão descreve, de modo preliminar, os dados coletados, indicando a quantidade de viagens por portos de destino, o quantitativo de peles embarcadas, o valor estimado dessas mercadorias e uma breve discussão sobre os preços, além de um exercício de estimativa da importância dos embarques de couros e peles de animais silvestres em relação ao total das exportações brasileiras de couros e peles. As considerações finais encerram o estudo.

2 UM ESBOÇO INTERPRETATIVO DA ECONOMIA DA AMAZÔNIA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

A configuração do ambiente econômico da Amazônia na primeira metade do século XIX é resultante dos fatores críticos que se impuseram na colônia desde meados do século XVIII. Costa (2012), ao analisar esse período, aponta que a produção colonial no mercado mundial, entre os anos de 1799 e 1822 cai a -2.19% ao ano. Informa ainda, que,

“com o fim dos diretórios, a Colônia do Grão-Pará passou a se assentar em duas grandes estruturas produtivas: a fundamentada no campesinato-caboclo, que em estreita relação com os regatões e seus aviadores exportam predominantemente produtos extrativos e os colonos



Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares

escravistas que exportam prevalentemente produtos agropecuários”
(COSTA, 2012, p. 59).

Desse modo, explica que a economia regional estava assentada, de um lado, em unidades familiares que praticavam agricultura e extrativismo, com parte dos resultados desta última destinada ao comércio. Esse comércio, em última instância, alcançava o mercado mundial através de relações mediadas por agentes comerciais locais que estavam conectados com grandes comerciantes de Belém³. De outro, em unidades que utilizavam a mão de obra escrava para a produção de bens comercializados no mercado mundial, tais como a cana de açúcar, o cacau, o arroz, o algodão, e até mesmo café (BARATA, 1973).

Entre os produtos derivados da atividade extrativa, Coslovsky (2006) destacou a importância de uma indústria de calçados de borracha, que, por hora não interessa a essa discussão, mas frequentemente presente nos informes compulsados sobre a movimentação de embarcações no porto de Belém. Contudo, perseguindo essa trilha, com vistas a identificar o motivo dos esforços para alavancar essa indústria terem sido minados, o autor oferece uma interpretação significativa da economia política da Amazônia na primeira metade do século XIX, ao identificar dois projetos antagônicos, liderados por duas elites com visões de mundo distintas. De um lado, uma elite composta por negociantes que estavam em busca dos recursos florestais e apoiavam a atividade extrativa, e de outro uma elite formada por proprietários de terras, de onde veio a descender boa parte dos quadros políticos da região, e que defendiam um projeto de desenvolvimento regional com base na agricultura racional. O confronto dos grupos antagônicos findou na seleção das soluções para os conjuntos de problemas que aquelas elites julgavam relevantes para a sua história, o que colocou como concorrentes os paradigmas tecnológicos fundamentados no extrativista e na agricultura. Viu-se, pois, que a fração do capital local, formada pelos proprietários de terras locais, não teve capacidade de se sobrepôr à fração de capital estrangeiro, composta pela massa de aventureiros interessados nos recursos florestais, especialmente após os eventos ocorridos na transição das décadas de 1830 e 1840, quando foi descoberto o processo de vulcanização da borracha.

³ Para uma exposição mais aprofundada sobre as unidades familiares que realizavam a produção agrícola e extrativa, ver Oliveira Filho (1979). Sobre o conceito e o papel histórico do regatão, ver McGrath (1999).

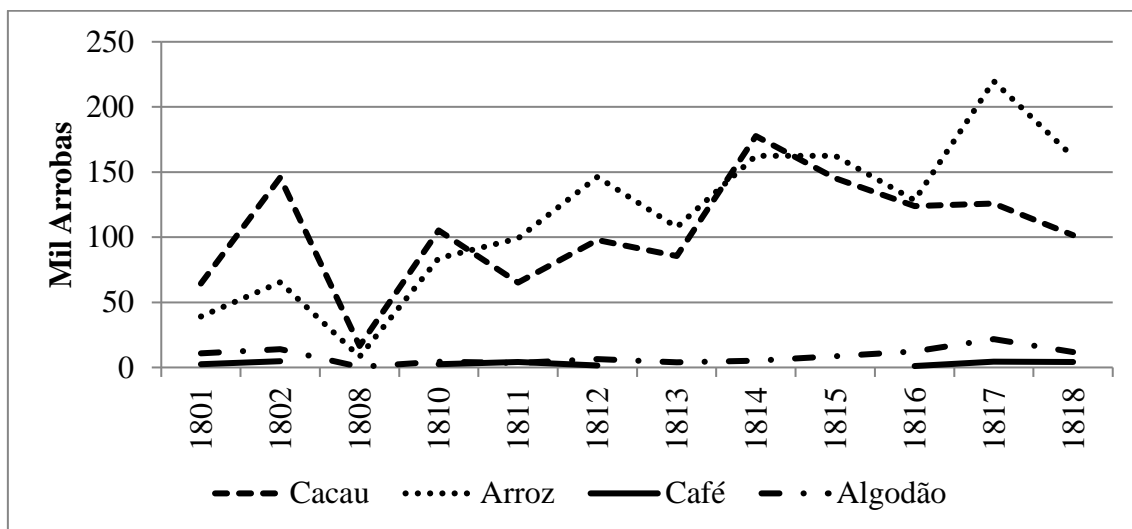


Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares

Assim, a economia da Amazônia atravessa a primeira metade do século XIX lidando com dois sistemas de produção, baseados no extrativismo e na agricultura, requerendo conhecimentos tanto para acessar os produtos da floresta, acumulados pela interação secular de povos estrangeiros e povos originários, que findaram por constituir uma população cabocla, quanto para desenvolver sistemas de cultivo adaptados às condições edafoclimáticas regionais, igualmente requerendo os conhecimentos daquela população (OLIVEIRA FILHO, 1979; RIBEIRO, 1995; COSTA, 2012).

O Gráfico 1 demonstra que ambos os sistemas de produção, o extrativista e o agrícola, estavam alcançando resultados bastante animadores, no que se refere à produtividade.

Gráfico 1 – Evolução de itens de exportação produzidos no Pará (1801-1818)



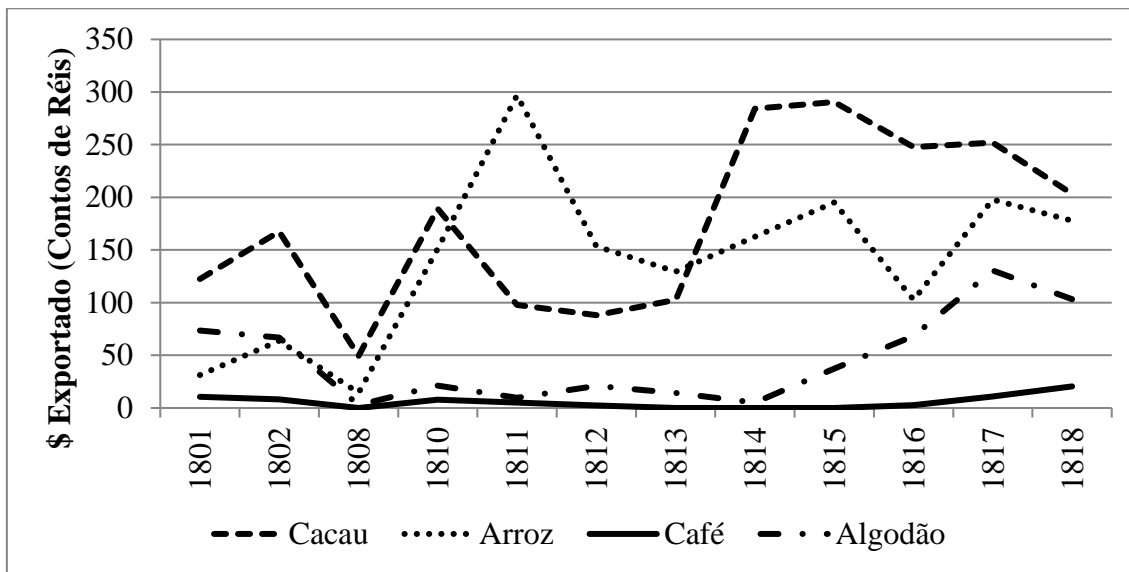
Fonte: Barata (1973). Elaboração dos autores.

Barata (1973) relata que além desses produtos principais, compunham a cesta de exportações do Pará, no início do século, açúcar, aguardente, canela, salsaparrilha, madeiras, couros secos, salgados e curtidos, anil, óleo de copaíba e de andiroba, urucum, manteiga de tartaruga. Contudo, apesar dos esforços com a agricultura, os rendimentos auferidos com a atividade extrativa eram mais atraentes e com produtividade e rentabilidade crescentes (Gráfico 2).



Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares

Gráfico 2 – Evolução do valor de itens de exportação produzidos no Pará (1801-1818)



Fonte: Barata (1973). Elaboração dos autores.

Por essa explanação geral, vê-se que as atividades extrativas ocorriam em maior número e poderiam gerar resultados financeiros superiores à agricultura. Vale ressaltar que as atividades extrativas, se lideradas pelo capital mercantil a partir de agentes sediados em Belém, era desenvolvida pelas populações ribeirinhas, aviadas por aqueles agentes mercantis. Essa produção não atende, de modo específico, os requisitos do mercado, de modo que o preço da mercadoria não importará, ao final, no desempenho das atividades.

O ribeirinho dispõe de boa parte daquilo que precisa na floresta: proteínas, carboidratos, vitaminas e minerais são encontrados em abundância na natureza. Coletam frutos, folhas e sementes, pescam, caçam, plantam. O excedente de sua produção será realizado para adquirir outros bens que eles não conseguem produzir internamente, tais como fósforos, querosene, armas e munição, vestimentas e outras quinquilharias, entregues a eles pelos marreteiros e regatões. Nessa lógica de produção, o abate de animais de grande porte, tais como a onça pintada (*Panthera onca*), gato maracajá (*Leopardus pardalis.*), veado (*Mazama sp.*), jacarés (*Alligatoriedae*), caititu (*Tayassu tajacu*), resultavam em couros e peles que encontraram possibilidades de realização no comércio internacional.



**Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na
Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares**

3 OS PERIÓDICOS COMO FONTES

Foi explicado que antes da borracha surgir como o principal item da economia da Amazônia, outras atividades se destacavam em relação aos resultados oferecidos à balança de exportação, e que na década de 1840, o valor das exportações de couros e peles realizadas pelo Brasil representava mais de 20 vezes o valor das exportações de borracha.

Sabe-se que os periódicos do século XIX são fontes relevantes para investigar fatos históricos, servindo de base para interpretações historiográficas consistentes. No que se refere às relações internacionais, com frequência os jornais trazem informes sobre entradas e saídas de embarcações nos portos brasileiros, aplicadas no comércio de importação e exportação.

Como dito anteriormente, o objetivo fundamental desse estudo é verificar a viabilidade de utilização dessas fontes para estimar a participação das exportações de peles de animais silvestres no conjunto das exportações de couros e peles realizadas pelo Brasil. Como indicado, a atividade de caça, realizada pelos ribeirinhos, resulta em produtos que encontravam colocação no comércio internacional. Seguindo essa pista, buscou-se, nos periódicos, dados de embarque de couros e peles, com especial atenção para aqueles que indicavam peles de animais silvestres.

De modo mais específico, a pesquisa se concentrou no periódico 13 de Maio, um dos mais antigos jornais de contínua circulação na praça de Belém, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O referido jornal começou a circular na capital paraense em 1840, com dois números semanais, veiculados geralmente nas quartas-feiras e nos sábados. Na década de 1850 passou a circular diariamente, até o ano de 1862, quando foi fechado. Contudo, na base de dados consultada, estão disponíveis os números publicados a partir de 1845.

Os jornais apresentam informes sobre embarques e desembarques efetuados no porto de Belém, de navios que chegavam do ou seguiam para exterior. Os informes, por sua vez, compreendem listas dos diversos itens transportados por navio, indicando sua procedência e seu destino, uma descrição básica da carga e a quantidade transportada por item. Há, ainda, em alguns números, quadros onde constam preços de referência para mercadorias diversas negociadas na praça. Assim, considerando os informes sobre as quantidades embarcadas junto com os preços apresentados, busca-se verificar a possibilidade de estimar o valor anual dos couros e peles de animais silvestres embarcados



**Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na
Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares**

no porto de Belém e qual a participação relativa dessas exportações no item couros e peles exportados pelo Brasil.

4 COUROS E PELES EMBARCADOS PELO PORTO DE BELÉM

Foram coletados dados presentes em 13 edições da fonte indicada, referentes ao ano de 1845. Nelas, são informadas a realização de 38 viagens com origem no porto de Belém. Os destinos foram Inglaterra (6), Portugal (6), Alemanha (4), França (3), Itália (2) e Estados Unidos (15), além do Maranhão (2). Essas viagens foram realizadas por 34 embarcações dos mais variados tipos: brigues, escunas, patachos e barcas.

Ao todo, 15 viagens transportaram couros e peles secos e mais 40 peles de onça naquele ano. No total, foram embarcadas 13.801 unidades de couros e peles secos, que renderam aos seus exportadores a quantia de pouco mais de 35 contos de réis.

O país que mais importou esse foram os Estados Unidos, num total de 11.261 couros e peles secos (81,6% do total), deixando aos contratantes no Brasil a quantia de 28 contos de réis. O principal porto de desembarque naquele país era Nova Iorque, para onde foram despachadas 8.497 unidades do referido item. Para Boston seguiram outras 1.437 peças e para Salem mais 1.327. Outros portos que receberam couros e peles foram os de Lisboa (2.114), Hamburgo (375), Londres (47) e Porto (4), completando os demais 7 contos de réis.

Das embarcações que transportaram mercadorias ao exterior, apenas o brigue inglês Brillante, que saiu de Belém em 1 de junho de 1845, com destino a Londres, tinha, na descrição da carga, 40 peles de onça, além de outras 47 unidades de couros e peles secas. Naquela semana, o preço médio de comercialização, no Brasil, desses itens era de 2\$550 (dois mil e quinhentos e cinquenta réis), totalizando um valor de pouco mais de 221 mil-réis.

Cumprir anotar que esses dados podem estar subestimados, pois 8 viagens, realizadas entre os dias 4 e 22 de outubro de 1845, com destino à Inglaterra (3), Portugal (2), Alemanha (1), França (1) e Maranhão (1), não tiveram suas cargas descritas no periódico, que se limitou a informar apenas a data de saída do porto de Belém e os portos de destino acima indicados.

Outro dado relevante para se discutir corresponde à flutuação dos preços dos itens couros e peles. Geralmente nas edições publicadas aos sábados, o jornal apresenta um



Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares

quadro com os indicativos dos preços máximo e mínimo praticados pelos comerciantes no porto de Belém. No que se refere aos couros e peles, os preços médios praticados em janeiro de 1845 oscilavam entre 2\$500 (dois mil e quinhentos réis) e 2\$700 (dois mil e setecentos réis) a unidade. Em fevereiro, março e abril o jornal não informou nenhuma ocorrência de saída de embarcações, mas os preços continuaram a ser informados dentro daquela faixa. O limite máximo dos preços sofreu uma pequena retraída para 2\$600 (dois mil e seiscentos réis) para as transações ocorridas entre maio e outubro. Os preços anunciados a partir da última semana de outubro apresentaram limites superiores de 2\$850 (dois mil e oitocentos e cinquenta réis).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os números dos jornais consultados, publicados no ano de 1845, revelaram-se uma fonte relativamente limitada para investigar o comércio internacional de peles de animais silvestres, pois apenas um dos informes discriminou, entre os demais itens, a indicação de peles de onça. Por outro lado, não se descarta a possibilidade de, dentro da rubrica couros e peles secos, estarem contidas peles desses animais. Essa hipótese pode ser melhor investigada, mas as tábuas de preços compulsadas sugerem essa interpretação, pois há preços e medidas diferentes para couros secos e salgados, sendo os primeiros cotados por unidade e os segundos por peso, com preços muito distintos.

Essa pesquisa exploratória e experimental, utilizando o mecanismo de busca da Hemeroteca Digital na Biblioteca Nacional, no periódico 13 de Maio e limitando a década de 1840 como referência temporal, retornou outras ocorrências de embarques de peles de animais silvestres, como as 76 peles de onça embarcadas para Londres em 9 de janeiro de 1847, e noticiadas no dia 30 daquele mesmo mês, ou as 186 peles do mesmo animal que também seguiram para Londres em 5 de julho de 1848.

Outro dado importante corresponde às tábuas de preços das mercadorias negociadas na praça de Belém, que auxiliam na contabilização dos valores exportados. De todo modo, mesmo que não tenham sido identificadas quantidades significativas de peles de animais silvestres embarcados no porto de Belém naquele ano de 1845, há a possibilidade de, ampliando o período de observação, encontrar outras referências que viabilizem a estimativa do valor dos animais silvestres em relação às exportações de



**Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na
Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares**

couros e peles, ampliando também o número de espécies alvo de caça para atender o mercado internacional de peles.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina; MURRIETA, R. S. S.; SANCHES, R. A. Agricultura e alimentação em populações ribeirinhas das várzeas do Amazonas: novas perspectivas. *Ambiente e sociedade*. vol.VIII, n.1, 2005.

ANTUNES, André Pinassi; SHEPARD JUNIOR, Glenn Harvey; VENTICINQUE, Eduardo Martins. O comércio internacional de peles silvestres na Amazônia brasileira no século XX. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 9, n. 2, mai.-ago., 2014.

ANTUNES, André Pinasse et al. Empty forest os empty rivers? A century of commercial hunting in Amazonia. *Science Advances*. v. 2, n. 10, out., 2016.

BENCHIMOL, S. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 2009.

BARATA, Manoel. A antiga produção de exportação do Pará. In: BARATA, Manoel. *Formação histórica do Pará (obras reunidas)*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

CAMPOS, M. A. A. *Cruzando ecologia com os caçadores do Rio Cueiras: saberes e estratégias de caça no Baixo Rio Negro, Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Biologia Tropical e Recursos Naturais) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2008.

COSLOVSKY, Salo Vinocur. The rise and decline of the amazonian rubber shoe industry: a tale of technology, international trade and industrialization in the early 19th century. Program in Science, Technology and Society, MIT, Working, *paper*, 39, Jun. 2006.

COSTA, Francisco de Assis. *Formação rural extravista na Amazônia: os desafios do desenvolvimento capitalista (1720 - 1970)*. Belém: NAEA, 2012.

EMIDIO-SILVA, Cláudio. *A caça de subsistência praticada pelos índios Parakanã (sudeste do Pará): características e sustentabilidade*. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – Universidade Federal do Pará, Belém. 1998.

HEIZER, Robert F. Venenos de pesca. In: RIBEIRO, Berta G. (coord.). *Suma etnológica brasileira*. Volume I: Etnobiologia. Editora Universitária; UFPA: Belém, 1997.

HOMMA. Alfredo Kingo Oyama. *Extratativismo vegetal na Amazônia: limites e oportunidades*. Brasília, DF: EMBRAPA-SPI, 1993.



**Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na
Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares**

MCGRATH, David. Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. *Novos Cadernos Naea*. v. 2, n 2, 1999.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O caboclo e o brabo – Notas sobre duas modalidades de força-de-trabalho na expansão da fronteira amazônica no século In: ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1979, Rio de Janeiro. *Encontro....*Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 101-141.

PARRA MONSALVE, James León. Depredador depredado: cacerías y comercio de jaguar en los cuencas andino amazónicas. *Novos Cadernos NAEA*. v. 12, n. 11, jun., 2009.

PENNA, Domingos Soares Ferreira. *O Tocantins e o Anapú: relatório do secretário da provincia*. Pará: Typ. de Frederico Rhossard, 1864.

PERES, C. A. Effects of subsistence hunting on vertebrate community structure in Amazon forests. *Conservation Biology*. v. 14, n. 1, 2000.

PEZUTTI, Juarez Carlos Brito. Manejo de caça e a conservação da fauna silvestre com participação comunitária. *Paper do Naea*, n. 235, 2009.

PEZZUTI, Juarez Carlos Brito et al. Etnoecologia e conservação de quelônios amazônicos: um estudo de caso. In: ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega; SOUTO, Wedson de Medeiros Silva; MOURÃO, José da Silva (org.). *A etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas*. Recife: NUPEEA, 2010.

POSEY, D. Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia. In: RIBEIRO, Berta G. (coord.). *Suma etnológica brasileira*. Volume I: Etnobiologia. Editora Universitária; UFPA: Belém, 1997.

PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

REBÊLO, George H. et al. Pesca artesanal de quelônios no Parque Nacional do Jaú (AM). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 1, n. 1, jan.-abr., 2005.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SILVA, A. L. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro, Amazonas, Brasil. *Revista de Antropologia da USP*. v. 50, n. 1, 2007.

SILVA, A. L. Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* v.3, n.3, 2008.



**Fontes Para O Estudo Da Economia De Couros E Peles E Da Atividade De Caça Na
Amazônia – Leonardo Milanez de Lima Leandro e Marina Lira Soares**

SOARES, Marina Lira. *Uso e conservação da mastofauna por comunidades rurais da ilha de Colares, Pará*. 57 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Produção Animal na Amazônia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2013.

TOCANTINS, Leandro. *Amazônia – natureza, homem e tempo*. Conquista: Rio de Janeiro, 1960.